

Apresentação

Que diabo afinal significa esse assombro de que se fala tanto, o futuro?

É algo tão abstrato e imponderável, tão sujeito a medições macro ou micrométricas, que se torna quase surrealista administrar, com objetividade, sua existência. Exemplo muito simplório, tomando por base meu mais rigoroso presente: para mim, iniciando aqui esta apresentação, o leitor é personagem do futuro, pois jamais vai ler o que penso sobre o assunto se acaso eu não escrever, aqui e agora, o que estou escrevendo. Quer dizer: *quando* (ou *se*) você chegar a ser meu leitor, eu, como autor, já estarei no passado...

Sem falar na possibilidade – na verdade, um direito a que sempre discretamente me reservo – de eu já ter mudado de ideia...

Pelo menos, num ou noutro ponto.

Mas isso não precisa necessariamente nos afastar.

Dependendo do tema, há uma “contemporaneidade” bastante larga para que convivamos num cenário que se mantém, durante muito tempo, atual.

Da mesma forma, o futuro de que trata este livro é uma realidade eminentemente atual.

O futuro (miragem eterna e, mesmo assim, paradoxalmente, autorrealizável) emergiu para a humanidade, na recente virada do milênio, fortemente impregnado da noção de FIM DO MUNDO.

Não, não é fato inédito, se considerarmos a virada do milênio anterior, quando o papa Silvestre II deu a multidões que se apinhavam diante de seu palácio, em Roma, pouco antes do último minuto do ano 999, a extrema-unção universal. Naquela noite de terror, populações inteiras, em agônica espera, com penitentes lacerados por cilícios e fiéis batendo no peito, cobertos de cinzas, estavam prontas para que, soadas as 12 badaladas, as estrelas ruíssem, o solo se revoltasse em chamas e baixasse dos céus o Anjo Exterminador. Como nada disso aconteceu, chutaram essa expectativa para o “futuro” – isto é, para nós.

Claro, aquele pesadelo da noite de 999 é puro *passado*! Nada a ver, praticamente, com nossa recente virada de milênio. Há pelo menos três gigantescas diferenças entre um *réveillon* e outro:

Primeiro, porque a manhã de primeiro de janeiro do ano 1000 foi marcada por um Alívio Universal, o que não ocorreu, como se sabe, com a primeira manhã do ano 2000.

Segundo, porque ciência e tecnologia – raquíticas ou inexistentes nos tempos de Silvestre II – abrem hoje para a humanidade ilimitadas perspectivas de abundância, conforto, saúde, lazer e sucesso, inimagináveis há apenas 150 anos, quanto mais a 1.012! Eis as boas notícias sobre o novo milênio em que ingressamos.

E, terceiro, porque o Apocalipse medieval era totalmente constituído de superstição, fé histérica e terror religioso, enquanto o eventual Apocalipse moderno é prenunciado por *fatos e dados*, cancelados e emitidos pela nossa mesma sofisticada ciência, que, por outro lado, nos promete maravilhas.

São impressões de um pensamento neutro e apolítico.

Já para o pensamento ideológico contemporâneo – impregnado, desde o século XIX, de visões redentoristas e materialistas de que “o futuro nos pertence” –, o futuro, algo que hoje se evade, tranquilamente, do acervo patrimonial da Revolução, começa, em contrapartida, a parecer “falsa consciência”.

Ainda em maio de 2011, nosso Arnaldo Jabor apresentou, em crônica, observação muito acurada sobre o fenômeno: “Hoje, as palavras que eram nosso muro de arrimo foram esvaziadas de sentido e ficamos à deriva. Por exemplo, ‘futuro’. Que quer dizer? Antes, era visto como um lugar a que chegaríamos, um lugar no espaço-tempo, solucionado, harmônico, que nos redimiria da angústia da falta de ‘sentido’. Agora, no lugar do futuro, temos um presente incessante, sem ponto de chegada”.

Deparamo-nos, pois, à esquerda, com o “fim do futuro”, assim como, à direita, o conservador americano Francis Fukuyama conseguiu renome na cultura de massa, em 1992, defendendo o “fim da História.” Somos tentados a dizer que, de modo indiscriminado, rola uma percepção moderna do universo humano em estado terminal.

Sim, dessa ótica, o futuro já era.

Contudo, note bem, o futuro que se desvanece é o “futuro” que conceituávamos *no passado*. Trata-se de uma faceta de nosso passado que, com toda sua respectiva superestrutura cultural e espiritual, perde cada vez mais o sentido, para não dizer a esperança. Para os sonhadores da utopia, o futuro em si mesmo, mesmo sem se revelar, virou algo próximo de uma decepção.

Uma cultura ideológica abstraída do futuro, como a contemporânea – e imagino isso em termos mundiais – vai retoricamente sobreviver em seu confuso, multifacetado e trepidante

presente, enquanto o mundo continuará a mudar, radicalmente, inapelavelmente, rumo a algum resultado, no próximo quarto de século.

Deixe-me, então, adiantar o pano de fundo deste livro.

Penso que, na velocidade estonteante das mudanças de nossos tempos, a História, que absolutamente ainda não terminou, está jogando um prodigioso lance de cara ou coroa com nossa civilização, vale dizer, com cada um de nós.

E penso que há algo escrito em ambos os lados da moeda: o FIM DO MUNDO.

Esta obra baseia-se em um seminário que criei em Berlim em 1987, quando lá residia, no setor ocidental, à época em que a velha capital alemã ainda ostentava o gigantesco Muro, que não só a dividia e dividia o país, mas se esticava para dividir a Europa e o planeta inteiro, como monumento máximo da Guerra Fria.

Do lado ocidental, abundância estonteante, tecnologia florescente em todos os setores, consumo maciço, enxurrada de atrações à altura das que oferecem Londres ou Nova York, ambas cinco e treze vezes maiores, respectivamente. Berlim Ocidental era uma supermetrópole... *em miniatura*. Encenava, primordialmente, o brilhante show do sucesso capitalista, a vitrine mais ostensiva e sedutora do que poderia ser o “futuro” para o imenso e carente continente comunista, onde, aliás, como intrusa opulenta, ela já se achava muito bem plantada. Mas estava longe de poder ser chamada uma cidade feliz.

Do lado oriental, comunista, ausência de tudo isso, fervor político de uma minoria, traços ainda comoventes de cultura romântica, disciplina ideológica férrea e desmotivação social

generalizada. Além de seus históricos museus e casas de ópera, quase sempre melancólicos e malcuidados, e de sua desolação urbana, convivia com 22 divisões militares soviéticas, mais ou menos de prontidão nas imediações, responsáveis inclusive pela manutenção (e eventual funcionamento) dos pavorosos foguetes SS-18, os mais poderosos da época: cada um deles carregava, em cada uma de suas dez ogivas, cinquenta vezes o poder da bomba que arrasou Hiroshima; um só, como me disse um técnico ocidental, daria para afundar a Inglaterra!

Essa dualidade, presente na vida *diária* de Berlim, acrescida de outros aspectos que abordo aqui, começou a me inquietar mais do que seria normal – talvez por ser proveniente de país periférico (muito chamado de “país do futuro”, mas ainda hoje tremendamente distante dos níveis decisórios do século XX e XXI) e por isso mais vulnerável a me escandalizar com jogos de força do Primeiro Mundo; e comecei a abrigar a ideia de que haveria, em rápida gestação, uma mudança radical, uma transmutação inédita, uma redenção, ou talvez um desfecho, para o tipo histórico de civilização em que estamos todos habituados a viver.

Enfim, o FIM DO MUNDO.

Contudo, essa ideia de FIM DO MUNDO – nada “profética”, deixe-se bem claro, como as que envolvem calendários maias, nem moralista, muito menos que incluam hipóteses como colisão com asteroides ou a explosão do Sol – tomou forma, de fato, quando me caiu nas mãos a revista *Time* de 19 de outubro daquele ano de 1987.

A edição trazia um encarte de quatro páginas, em papel encorpado, assinado pelo maior fabricante de computadores do

Japão e um dos líderes mundiais em telecomunicações, levando um título espantoso: “FUJITSU TEM O PRAZER DE LHE ANUNCIAR O FIM DO MUNDO...” – que continuava, ao se abrir o encarte, “QUE CONHECEMOS”.

A custosa peça publicitária, que dominava todo o núcleo da revista, tratava da fantástica revolução tecnológica em andamento em todos os setores da vida, pessoal e profissional, devido ao boom da informática, bem como à multiplicidade vertiginosa de inéditos produtos e serviços, incrivelmente inovadores, muito em breve à disposição da humanidade.

(Na mesma edição, quase como um reforço consciente, havia ainda um anúncio da ANT: “Telecomunicações com muitas ideias criativas para o futuro”; e outro, da Basf: “Novos materiais dão asas à criatividade dos projetistas”.)

Sim, tudo ia mudar, e mudar para melhor, como de fato em parte mudou, e continua mudando, e cada vez mais rápido, desde aquela época.

E, no entanto... qual a matéria de capa daquele mesmo número da *Time*?

“The heat is on” (“O aquecimento está ligado”) – “Como o clima da Terra está mudando” e “Por que o buraco de ozônio está crescendo”.

Eram agora não quatro, mas oito páginas de inquietadoras evidências de que nossa civilização podia estar próxima de um *bang* ecológico. Some-se ao aquecimento a possibilidade de um *bang* pela explosão demográfica (até o fim do século a Terra receberia, como recebeu, um acréscimo de população igual à da China de então); de um *bang* pela derrocada econômica (curiosamente, a revista saiu exatamente no dia do *crash* de 1987 da Bolsa de Nova York); ou de um *bang* nuclear...

“Fim do mundo?” Ninguém sabe. A *Time*, por exemplo, considera que a mudança radical do clima inundaria cidades litorâneas dos Estados Unidos, porém acarretaria enorme período de prosperidade à agricultura do Canadá...

O mais importante, como ainda me parece, era o simbolismo do fato.

A maior revista noticiosa do planeta anunciava, na mesma edição, e com grande ênfase, dois “futuros” previsíveis e opostos para esse mesmo planeta – ambos integralmente calcados em *fatos comprovados!*

Entre o *boom* e o *bang*, mais do que em 1987, encontra-se hoje cada um de nós – pessoal e profissionalmente.

Por exemplo: não considerar a modernização radical que continuará a vir nos próximos anos, em todos os setores, é alienação que pode custar, muito depressa, a carreira de um profissional, mesmo de nível médio.

Não considerar, por sua vez, a possibilidade do *bang* é também uma alienação (“negação”), de risco evidentemente muito maior. (Por que um executivo deva ler apenas os anúncios da *Time*, ao mesmo tempo que abstrai de suas previsões *como executivo* a matéria de capa?)

Contudo, estou convicto de que essas perspectivas, aparentemente díspares, podem ser adequadamente integradas na psicologia de um homem sadio, realista e criativo.

Há mesmo base para afirmar que um indivíduo estará mais apto a ter sucesso no cenário altamente desafiador do *boom* se estiver de alguma forma pronto a lidar também com a possibilidade do *bang*.

Muito dependerá, no entanto, da estrutura psicológica desse homem, principalmente de certo “compromisso” peculiar que

ele já tenha assumido com seu próprio futuro, com seu destino. A esse roteiro traçado no tempo dei o nome, por sua eufonia com os outros dois, de *Bahn* – palavra alemã que significa rota, caminho, rumo, percurso, trajetória –, no caso, evidentemente, *trajetória pessoal de vida*. (Um ramo da moderna psicologia conhece essa trajetória como Argumento de Vida. Tratarei disso adiante.)

E é perante os dados desse compromisso que tal pessoa terá maior ou menor liberdade para responder, com sucesso realista, a qualquer um dos dois cenários, históricos e sociais, que começam a se abrir para ela, e quem sabe a predominar em sua vida.

Assim, foi essa curiosa edição da *Time* que me deu plena noção, e mesmo estímulo, para formular, ainda em Berlim, o seminário que originou este livro. Seguindo essa mesma noção, o primeiro título que lhe dei foi: SEMINÁRIO DO FIM DO MUNDO. (Objeções de amigos e editores me convenceram a mudar para o atual: VOCÊ E O FUTURO.)

De volta ao Brasil, realizei-o três vezes, com grupos-pilotos, tendo gravado, para controle próprio, todo o evento. Os resultados pareceram-me satisfatórios. Estudei e guardei com carinho as avaliações, mas nunca mais repeti a experiência.

É fácil entender a razão. Tenho sido muitas vezes chamado para seminários de criatividade e/ou de análise transacional, ou AT (um ramo da psicologia moderna tributário do pensamento de Sigmund Freud), e, após sua realização, a empresa normalmente me convoca para outros, mas sempre na mesma linha. Há casos de clientes que me contrataram, ano após ano, para seminários de criatividade, sem jamais se interessar pelos de AT. E vice-versa. E eu, sinceramente, sempre me senti com pouco espaço para tentar “vender” o outro. Além do mais, mantendo a sin-

ceridade, poderia me perguntar, do ponto de vista comercial: “Para quê? Eu já não estou sendo contratado?” Imagino que muitos outros instrutores defrontem situações semelhantes.

Essa dificuldade multiplica-se por dez, tratando-se de um seminário sobre o fim do mundo.

Teria eu de descerrar, para o pessoal de RH da empresa, em geral interessado em outros tópicos, todo o complexo de fatores que o justifica – o que estou tentando resumir aqui, espero que com sucesso, na presente apresentação.

Assim, o texto e toda a estrutura deste livro, e mesmo as gravações dos eventos a título experimental, ficaram confinados em meus arquivos por 24 anos.

Agora, contudo, revendo todo esse material, pareceu-me *mais atual do que nunca*.

Como prova, tomemos de novo a citada edição da *Time*. Responda-me, por favor:

1 A Fujitsu ainda tem motivos para anunciar o FIM DO MUNDO, com base na avalanche de revoluções tecnológicas e científicas que se abrem presentemente para a humanidade? Aliás, tal avalanche não seria, em 2011, ainda maior do que em 1987?

2 A *Time* ainda tem motivos para informar, em capa, que “O aquecimento está ligado”? Aliás, não é quase todo dia que nos chegam hoje documentários das *consequências* desse fenômeno?

Alguma dessas notícias está superada? Ficaram acaso no passado?

Estou ciente, mesmo assim, de que meu texto contém uma ou outra referência desatualizada, absolutamente secundária, e

que o leitor na certa relevará. A mais flagrante, previno logo, é mencionar “nos próximos 24 anos”, por tê-lo escrito pensando no ano 2011.

Não me pareceu conveniente atualizá-lo de ponta a ponta, mesmo porque às vezes reproduzo trechos das gravações realizadas durante os seminários de teste.

De resto, atualizando-o integralmente, teria de renunciar à desafiadora *realidade* de Berlim na época – explorada, aqui, obviamente como metáfora. Mesmo assim, adoraria que este texto viesse a ser realmente útil a você, com vista à sua existência *concreta*, sua atualidade concreta, que se desdobra à sua frente, no tempo e no espaço.

Insisto, como disse atrás, que, diante dos horizontes de que trata este livro, não há no presente “passado” algum que nos separe.

Quanto ao futuro, sem dúvida há muita coisa boa pela frente nos esperando.

Porém, mesmo que, ao contrário, prevaleça o pior, em alguma medida, mesmo que ocorra de novo o Dilúvio – bem, de alguma forma, estaremos todos no mesmo barco.

Roberto Menna Barreto

JUNHO DE 2011



Caro leitor, gostaria que começássemos com você respondendo à seguinte pergunta (interprete-a como quiser):

“O que você vai ser quando crescer?”

Muito bem. Agora pegue bloco e caneta e faça uma pequena dissertação sobre o seguinte tema: “Como estará você no ano 2011?”¹

Quem será você? – profissional, social, familiar e psicologicamente. Projete-se 24 anos à frente – e veja-se como uma pessoa estranha: sua idade, seu rosto, sua saúde, sua esposa, seus filhos, sua família, seu emprego, sua posição financeira, o meio ambiente, seu grau de felicidade ou infelicidade, seu grau de sucesso ou frustração.

Concentre-se e preveja a si mesmo, com a idade X, no ano 2011. E, claro, sem compromisso, seja o mais sincero e objetivo possível.

Em seguida, responda, por favor, ao questionário a seguir:

1. A rigor, o título do questionário deveria ser outro, pois já superamos 2011. Contudo, a meu ver, isso subverteria o espírito do seminário criado em 1987, datado com informações da época – ainda que não, absolutamente, a validade do exercício. De resto, considero que são poucos os leitores que de fato se dispõem a realizar exercícios sugeridos *em livros* – ao contrário, claro, do que ocorre em seminários. Mesmo assim, a validade do exercício não se perde. Será ótimo se a dissertação e o questionário forem completados por você, mudando mentalmente a data para daqui a 24 anos, embora sua apreciação não vá se dar daqui a 24 anos, mas nas próximas páginas.

QUESTIONÁRIO 1 “Eu no ano 2011”

- 1 Acaso constou, do levantamento que você fez de você mesmo para daqui a 24 anos, o cumprimento de metas que você se tenha proposto hoje? Foi mencionada alguma relação com suas metas de hoje?

Sim Não

- 2 Como você *se sentiu*, de modo geral, em 2011? Psicologicamente melhor ou pior? Mais feliz ou menos feliz? Ou nada praticamente mudou, é tudo mais ou menos a mesma coisa?

Melhor Pior A mesma coisa

- 3 Há *melancolia* em sua dissertação? Ou *conformismo*? Ou frases que expressem pensamentos como “a vida é assim mesmo”, “que se vai fazer”?

Há Não há

- 4 Será que você achou essa pessoa lá no futuro (24 anos mais velha) mais parecida, em termos de destino, com alguém de sua família? (Pai, mãe, tio, irmão etc. – vivo ou morto.)

Sim Não

- 5 Você se viu em algum momento empolgado com a perspectiva de estar 24 anos mais velho?

Sim Não

- 6 Acaso você levou em consideração, no seu texto, as *mudanças* que devem ocorrer, no meio ambiente, no Brasil e no mundo, ao longo dos próximos 24 anos?

Levei em consideração Não levei em consideração

- 7** Se você levou em consideração mudanças *boas* (enriquecimento do país, superação de crises, novas invenções, melhoramentos gerais na sociedade), em que medida você contribui hoje, conscientemente, para que tais maravilhas aconteçam? Ou espera que elas aconteçam somente por evolução natural dos fatos?

Contribuo conscientemente
Acho que é mudança natural dos fatos

- 8** Se acaso você levou em consideração mudanças *ruins* (crise social, econômica, ecológica, guerra etc.) você as considerou com certa dose de *alívio*?

Sim Não

- 9** Considerou-as com uma possível dose de *pânico*? Ou desespero?

Sim Não

- 10** Considerou-as com outro sentimento? Qual?
-
-

- 11** Houve algum grau de surpresa, para você mesmo, no próprio texto? Ou sua perspectiva é algo linear, tudo parece mais ou menos previsível?

Há surpresa Tudo mais ou menos previsível

- 12** Qual o valor existencial que você dá à sua aposentadoria?

Pequeno Médio Grande Muito grande